

A VERDADE

Orgão Spirita

PUBLICA-SE A TRES POR MEZ

REDACTORES DIVERSOS

Anno II

Cuyabá, 15 de Agosto de 1895

N. 62

A VERDADE

Cuyabá, 15 de Agosto de 1895

Athéa

Trad. do Hesp

Athéa, eu ?—Perdeai-lhas, Senhor !

Mas, como quereis que eu creia em vosso Deos ? Este Deos cruel, vingativo e caprichoso ? Esse Deos que as mais das vezes reparte os bens entre os maus e cumula de affeições aos bons ?

—Esse Deos que dá a uns talento immenso e deixa a outros na mais crassa ignorancia, sendo todos filhos seus ?—

—Esse Deos que faz nascer seres perversos nas mais elevadas espheras sociais e lhes permite desfructar todos os prazeres mundanos, e que, como recompensa de sua maldade lhes dá ainda a gloria eterna, mediante uma transação vergonhosa realisada com os que se dizem ministros de Deos na terra ?—

E em compensação, o pobre que não tem com que comprar uma banga papal ou uma indulgencia plausaria, terá que soffrer por muito tempo no purgatorio.

—Quereis que eu creia em um Deos que faz um portentoso milagre para que possam soffrer eternamente os corpos dos condemnados, e que entretanto não o faz para que esses filhos extraviados reconheçam seus erros e voltem á senda do bem.

—Em um Deos que manda perdoar ao proximo aquem elle aborrece eternamente ?

—Suppondo que eu possa crer em um Deos que goza dos tormantos que soffrem os seus filhos con-

damnados ao inferno, e que chama tambem aos seus eleitos para que se recreiem com tão triste espectaculo ?—Desejais que eu creia em um Deos que condemna a maior parte dos seres que povoam os mundos a soffrer eternamente ?—porque, claro está que, si fóra da fé catholica não ha salvação, os que têm morrido, morrem e morrerão antes que essa fé lhes chegue, estão sem duvida condemnados !

E quem é o culpado disso ?—Contestai si podeis !—Espero vossa resposta.

—Quereis que eu creia em um Deos que concede a uns graça divina para arrependem-se na hora da morte, de seus crimes, e apaga em um instante toda a mancha da consciencia, e néga, entretanto, a outros filhos, essa mesma graça redemptora ?—Faz isso um Deos infinitamente justo ?

—Pretendeis que eu creia em um Deos que tem os seus anjos e santos em eterno extasis e doce contemplação da Divindade; sem cuidar dos gemidos dos desgraçados que povoam os mundos, sem fazer caso dos horribéis lamentos dos condemnados, seus irmãos; insensivel ás supplicas dos que choram, soffrem e clamam a Deos e aos bemaventurados, sem pensar mais que em sua dita ?

—Com que titulo, com que graça, dizei-me, poderá vosso Deos pedir que repartamos nossos bens com o pobre; que conselemos os que choram; que façamos o bem a quem quer que seja; que não sejamos egoistas, si elle e seus predilectos nos dão o exemplo do mais alto egoismo ?—

—Quereis que eu creia em um Deos que castiga nos filhos os pec-

cados dos pais, contra todas as leis de justiça ?—Em um Deos que antes de nascer seus filhos já os tem destinados para o premio ou o castigo eterno ?

Porque, se tudo quanto tem de acontecer ao homem na terra, já está decretado desde a eternidade, si não há livre arbitrio, em vão nos esforçaremos por seguir o bem, visto que estamos destinados para o mal, pois que a fatalidade, a mão potente de Deus, nos arrastará fatalmente até o crime, e, em tal caso, quem é responsavel ?

Si eu, em virtude da minha superioridade, tomo uma criança em meus braços, e apesar dos debéis esforços da infeliz para escapar-se de mim, a arrojto em um abysmo, em que ella succumba,—quem será responsavel, a criança ou eu ?

Pois bem, nós outros, segundo vossa crença, somos, em relação a Deus, o mesmo que a criança em relação a mim.

E si approvamos vossos dogmas, teremos a mesma responsabilidade de nossos crimes, como a criança tem de sua queda no abysmo.

N'essa crença chegaremos á conclusão logica de que Deus é o autor moral de todas as maldades da terra.

E si as quereis attribuir ao demónio, tereis que confessar que elle tem mais poder que Deus, pois pode arrebatá-lhe impunemente seus filhos e Deus não os pode reaver ou não que fazel-o; no primeiro caso não é todo—poderoso, no segundo, não se compadece dos lamentos dos seus filhos que lhe pedem perdão, não é infinitamente misericordioso. Logo, si tem fim sua clemencia e bondade, Deus não é infinitamente

bem, pois que [o infinito não tem fim !

Ah ! confessai, ainda que vos pese, que, a despeito de todos os vossos esforços para mostrar-nos um Deus grande, justo, sabio e bom, apesar de todos os vossos argumentos para fazel-o acreditar como o Ser mais grande da criação, deixal o-hes peior que o ultimo malvado da terra.

Si é esse o Deus que quereis que eu adore, si é esse a quem quereis que eu renda vassalagem, razão tendes; athéa sou:—não creio em Deus.

Mas, ouvi-me:—Há sobre esse Deus, outro, que não conceda injusta e caprichosamente os dons de sua grandeza áquelle que menos o merece.

—Um Deus que crea os espiritos innocentes e ignorantes, com livre arbitrio e que do bom ou mau uso que fazem de sua liberdade depende o maior ou menor desenvolvimento das faculdades intellectuaes e moraes.

—Um Deus que em vez de condemnar eternamente a seus filhos por seus crimes, os faz purgar em varias existencias seus peccados, até que, purificados pelo arrependimento e pela reparação do mal causado e desenvolvidos plenamente suas faculdades intellectuaes e moraes, se façam dignos do premio eterno.

—Um Deus que não quer que o peccador pereça, senão que se converta e viva.

—Um Deus que não é infinitamente vingativo, porque então não seria infinitamente misericordioso e bom.

—Um Deus que não dá nada por graça divina ou capricho, que vem a ser o mesmo, porque então não seria infinitamente justo.

—Um Deus todo-poderoso para o bem, que não deixará eternamente nas trévas a seus filhos, porque quer que estes tenham o merito da victoria sobre o mal; que quer que devamos a nós mesmos nossa felicidade, e como somos debaix, na luta se fortaleça o nosso espirito para della sahirmos fortes e victoriosos. Ninguém succumbirá eternamente.

—Este é o meu Deus !... Elle não se compraz nos soffrimentos dos condemnados, nem chama a seus anjos e santos para que destructem o triste espectáculo dos tormentos de seus irmãos.

—Meo Deus não mantem os seus predilectos em uma contemplação eterna e egoista, mas diz-lhes ao contrario:—ide, filhos meus, ide a consolar os que padecem; ide arredar de seo erro, por meio de vossas inspirações, o peccador; ide enchugar o pranto dos que soffrem; ide inspirar a esses seres que trabalham dia e noite sem descanso para adiantar as crencas e as artes em beneficio da sociedade; ide alentar a esses homens que sacrificam sua vida pelo bem de seus irmãos; ide trabalhar sem descanso na grande obra da criação, da qual sou eu o architecto eterno.

—Meo Deus não creou um lugar especial para atormentar eternamente aos mortaes.

O inferno é a voz da consciencia que nos censura o mal que fazemos, e no dia em que ella nada tem de que accusar-nos, o inferno desaparece.

—Meo Deus não precisa de templos para ser adorado, não necessita de sacerdotes pagos, não quer idolos, não necessita ostentação para ser adorado, não precisa de insenso, nem culto exterior, não quer orações rezadas, senão sentidas, a melhor oração para elle é trabalhar, não fazer o mal, ao contrario—fazer o bem e amar a nossos semelhantes.

O templo do meo Deus é a criação, seu altar está no coração dos homens, o insenso que mais o agrada é o perfume de nossas virtudes que se elevam até elle, seus sacerdotes são todos os homens que cumprem sua divina lei de amor, seu rito é o trabalho.—Esse é o meu Deus, o Deus que minh'alma adora, o Deus a quem amo de todo o meu coração, o Deus que não repelle minha razão, nem minha consciencia, o Deus que reúne todas as infinitas bondades, o Deus a quem elevo minhas preces partidas do intimo de minh'alma.

—Athéa me chamais ?—Ouviz !

—Quando durmo, pronuncio o nome Santo de Deus; quando desperto, meu primeiro pensamento é para elle; a meus filhos, que apenas balbuciam, ensino-lhes a respeitar e amar a Deus; e, quando suas palpebras decerram ao impulso do sono, vaga em seus innocentes labios o nome santo do Ser supremo.

—E quando chegue a minha derradeira hora o meu corpo se agite nas convulsões da agonia; quando recuse os imaginarios consolos com que me brinda vossa religião, acreditarei em Deus; e quando meu coração apenas bata, e meus descordados labios não possam articular palavra alguma, pensarei em Deus; quando o ultimo suspiro annuncie que meu espirito separou-se do corpo e julgueis que uma legião de demónios me leva para sempre ao inferno, por athéa, enganai-vos;—irei até Deus !

—Athéa me chamam elles !

—Não sabem o que dizem !

—Perdoai-lhes, senhor !

Julia Alvarez Calvo Flores.
Valencia.

Os innocentes pagarão pelos peccadores ?

Ahypocresia tem sido tanta, correndo de parceria com o fanatismo de um povo ignorante dos preceitos da lei do Divino Mestre, que ainda hoje a igreja catholica considera e os Rev.^{as} padres sustentam e pregam a doutrina erronea e insalutar de que—os innocentes pagarão pelos peccadores.

Pois bem. Por mais ignorante que seja uma pessoa mas que possua um pouco de senso e algum conhecimento das doutrinas Spiritas, vê logo que aquella doutrina não está de accordo com a razão por isso que Deus, omnipotente e justo como é, não pode castigar o filho pelas faltas do pai, tanto mais estando tão claro como a luz que os espiritos se encarnam na terra por permissão Divina, para expiarem suas faltas, aperfeiçoarem se e progredirem sob o seu livre arbitrio afim de gosarem no futuro da vida eterna, da bemaventurança.

O contrario disto é uma aberração; não pode por nenhum principio ser aceito por ir de encontro com a justiça de Deus e com os ensinamentos dos nossos irmãos do espaço que constantemente nos vem dizer—«trabalhai para o vosso aperfeiçoamento—cuidai do vosso progresso para assim chegardes á Deus».

Ora si fosse admissivel o filho ser castigado pelos maus feitos do pai e vice versa não

haveria de certo incentivo de trabalho moral e nem tão pouco de progresso espiritual por que, neste caso, ninguém jamais desejaria trabalhar em pura perda pois que a proporção que um espirito fosse attingindo o grau de perfectibilidade seria obrigado a retrogradar para —expiar faltas de outrem— ficando d'est'arte estacionario, até que completasse o tempo do seu castigo, ou então voltando ao seu estado primitivo que seria simplesmente um horror!

Affirmar-se pois uma tal doutrina importa a negação da infinita justiça de Deus, ou então considerar-se ella muito a quem da justiça dos homens, visto como entre nós não se vai buscar o filho para ser condemnado pelo crime que o pai praticou.

Isto do innocente pagar pelo peccador só se viu nos tempos idos da *heresia*— tempos de Thomaz de Torquemada, Conrado de Marburgo e outros muitos *Santos* inquisidores, —tempos emfim que depois de ser queimado um *heresico* em acção de graças ao *Todo Poderoso*, eram seus bens confiscados em favor da Santa inquisição e sua familia declarada *infame* para os devidos effectos

Hoje, porem, que quasi ninguém acredita nas penas eternas, nem no inferno &, é sandice pregar-se que —os innocentes pagarão pelos peccadores—.

O filho prodigo

Em dias de Abril de 1893, sem a idea de uma evocação determinada, reuniram-se com o fim de fazer estudo spiriticos em um predio da Ladeira do Barroso, nesta capital os spiritas Oliveira Lima, Carlos Barreto e o signatario destas linhas.

Feita a prece inicial, esperamos que os nossos guias nos fornecessem o assumpto para o nosso estudo.

Apresentaram-se-nos dois espiritos, que o medium vidente descreveu. Era um d'elles um homem alto e corpulento, trajando larga camisola negra que lhe cahia aos pés. Seu rosto tinha a cor bastante morena e apresentava maçãs muito salientes, não se podendo fixar-lhe as feições, porque elle conservou-se quasi sem-

pre escondendo-o entre os braços apoiados sobre a mesa.

O outro era bastante idoso, alto e muito magro, rosto descurado, calvo e com longas barbas brancas.

« Quereis trabalhar, disse-nos elle pelo medium de incorporação; trago-vos um irmão muito soffredor. »

Dirigimo-nos a este, que, servindo-se do mesmo medium e sempre com o rosto escondido, exprimiu-se assim: « Venho do planeta Venus, do lugar onde estou expiando faltas commettidas aqui. Que soffrimento! O peso da materia me acabrunha; aquelle ambiente me asphyxia, e o meio em que ora vivo, me faz chorar o que perdi. Meu espirito busca desprender-se mas o corpo me prende aquelle sólo que não sei quando deixarei. Aproveitando-me do sono do meu corpo, meu espirito sentio-se attrahido para o espaço, e aqui vim ver os lugares que habitei outr'ora. »

Elevamos o pensamento e pedimos a Deus lhe inspirasse a resignação de que precisava para cumprir sua prova.

Elle deixou o medium, e o velho fallou-nos então: « Quereis um ponto para estudo,ahi o tendes. Meditai sobre o que se passou; e na seguinte sessão sabereis o que se deu aqui. A deus. »

Procuramos estudar o facto, e ficamos concordes em haver alli um ponto de duvida a esclarecer.

Segundo os ensinamentos dos espiritos, o espirito encarnado em um mundo inferior, como a Terra, Venus, etc, não pode abandonar seu corpo para ir a um outro mundo. Apenas, quando o corpo dorme, elle pode elevar-se ao espaço e, entrando em relação com seus amigos e protectores, receber ahi as instrucções e conselhos de que precisa. Reunimo-nos no dia immediato no mesmo predio e recebemos psychrographicamente esta communicação:

« Deus seja convosco. Acertastes no resultado a que chegastes, no estudo que nos foi proposto. Sim, o espirito, durante a sua encarnação num mundo inferior, não pode abandonar o seu corpo para ir a outros mundos. »

O espirito que aqui veio, viveu na Terra, abusou dos favores que tinha conseguido e, com o fim de ser contido na marcha em que ia, foi viver em um mundo, onde devia encontrar maior constrangimento, pelas condições naturaes da vida alli.

A punição é sempre proporcional á queda. A justiça divina preside infallivel ás relações dos homens no soio da humanidade e mundos sem-

contos que pavãoam o universo. O peso da materia que o envolvia, o atrazo relativo daquelles com quem elle tinha de viver, impelliam seu espirito a fugir da realidade da vida de relações do planeta, para viver sonhando com um mundo melhor, de que lhe restava uma vaga reminiscencia, mas cuja posição elle não conseguia precisar.

Entregue a essas continuas abstrações, elle era julgado por uma mente capto e por outros um sonhador, um genio.

Vindo aqui, elle suppunha que seu corpo lá ficara adormecido, e que lhe cumpria ainda tornar ao seu desterro. Não; sua prova estava terminada. A lição estava dada, e elle só veio quando, rotos pela morte os laços que o ligavam ao corpo, este desceu á sepultura.

Pedi: pegamos todos para qua lhe aproveite a lição. Adeus. »

NOTA

Venus é o planeta que, na ordem crescente de suas distancias ao centro do nosso systema, fica collocado entre Mercurio e a Terra. Sua distancia media ao Sol é de 26,8 milhões de leguas.

Elle recebe do Sol 1,92 vezes mais calor e luz que a Terra. Seu volume é 0,827 vezes o desta, sua massa 1,146 e sua densidade 1,385.

Se representarmos por 1 a acção na superficie terrena, a da de Venus sel-o-ha por 0,722.

A zona torrida tem nesse planeta uma largura consideravel e prende-se logo ás glaciarias. Suas estações são muito mais pronunciadas que as nossas, sendo maiores as variações de temperatura por que passa cada ponto da sua superficie.

Seus dias são pouco menores que os nossos, e seus annos contam 224,7 dos nossos dias.

A atmosphera de Venus é menos que a nossa rica de fluidos vivificantes.

O corpo humano é de uma materia 1,385 mais densa que a do nosso.

Segundo esses dados, o estado physico, intellectual e moral da sua humanidade é pouco inferior ao da nossa. Sua flora e sua fauna são mais ou menos identicas ás nossas.

Em communicação dada ao Sr. Rou em Paris o espirito de Arago disse que o estado de adiantamento da sociedade de Venus é o que foi o da nossa nas proximidades do 1300.

Quando escrevia estas linhas, nossos amigos do espaço mostraram-me o typo de uma das raças de Venus. Era um homem alto e corpulento, de cor morena, cabellos e barba negros,

maças salientes, nariz grosso e um tanto achatado, olhos vivos e negros, semblante carregado. Envolto em longo manto branco, elle trazia na cabeça um panho da mesma cor em forma de trança.

Era um typo de raça guerreir como me disseram, semelhante aos das hordas fanaticas que nos tempos medievos revolucionaram a sociedade terrena.

E. QUADROS.

“Dous sonhos de aviso”

Em todos os tempos, deu-se importancia aos sonhos, e os mais eminentes personagens da antiguidade nunca se envergonharam de expressar sua crença nos sonhos.

Homéro, a Biblia, os historiadores mais acreditados apresentam innumerables casos de sonhos realisa-

O mesmo acontece nos tempos modernos, as memorias de pessoas que representaram grande papel politico em seus tempos citam igualmente factos que impressionaram, preditos, muito tempo antes, por sonhos.

E' moda em nosso seculo ridicularisar aquillo a que chamam superstições, ou tambem embustes de charlatães que se divertem em alimentar a credulidade das mulheres e das crianças.

Mas os scepticos podem rir e dizer o que quizerem, o caso é que continuam-se constantemente historias de sonhos realisa-

dos, e ha uma tal superabundancia dessas historias verdadeiramente surprehenderes, que não se sabe quaes escolher para as contar, porque rivalisam em interesse e são dignas de attenção, tanto umas como outras.

Eis uma historia que tirei dos *Annali dello Spiritismo*, que se publica em Torino e que espero, interessará aos leitores e lhes dará que pensar.

Riamo-nos si tivermos vontade de fazel-o, pois bem; mas depois siqumemos serios e refletamos.

Esta historia é traduzida fielmente do italiano; é curta, mas ao mesmo tempo, bastante atrahente.

O duque de Nassau havia determinado uma caçada de javalis. O primeiro de seus guarda-caças ou conteiros pediu e obteve dispensa da caçada, elle havia sonhado que um javali o mataria.

Quando a noite trouxeram para o castello d'qual o animal que fora morto, o primeiro conteiro quiz examinal-o. O animal selvagem estava estendido em uma carrocinha, o conteiro pegou na lenda e forte javali e disse:—Então, tratando, és

tu que querias matar-me?—Mas o animal, não estava bem amarrado e com as sacudidas, escorregou o cabio da carrocinha sobre um dos pés do conteiro, produzindo um grave ferimento. No fim de uma semana, foi necessaria a amputação; e o conteiro não ponde supportal-a e morreu.

Fosse como fosse, o seu sonho assim realisoa se.

Passo a uma outra historia, cujos factos remontam ao seculo XVI.

Um personagem muito notavel, de uma cidade da Italia, desapparece de repente.

Sua familia que era muito poderosa, auxiliada por magistrados, fez pesquisas por toda parte sem conseguir encontral-o.

Suspeitou-se que elle tivesse sido assassinado traiçoeiramente; os seus menores inimigos — pois que tem-se sempre inimigos — tornaram-se suspeitos, um especialmente, era alvo da voz do povo, os magistrados instructores do processo o interrogaram muito particularmente e apezar de seus protestos, certas apparencias compromettedoras levaram-no á prisão. Um desses magistrados, muito temido dos criminosos, era-lhe sobre-tudo hostil, e esse magistrado era extraordinariamente atacado pela opinião publica.

Factos posteriores, que foram descobertos pelo zeloso e dedicado juiz, vieram ainda comprometter mais o accusado. Toda a cidade, de accordo com os juizes, estava convencida de sua culpabilidade. O magistrado que estava todo contra elle, não era mau-homem, bem longe disso, era um funcionario escravo de seu dever e que tinha amor ao seu cargo — eis tudo. Elle amava apaixonadamente a virtude e aborrecia o crime. Uma noite que elle adormecera, depois de haver muito tempo pensando nos meios de fazer se toda a luz, de modo a dar destino aquelles que se achava retido sobre a palha húmida do calabouço, teve um sonho singular, verdadeiramente extraordinario, — elle viu o homem que desaparecera subitamente e que julgava-se victima de um crime:

« Eu fui assassinado, é verdade; « mas o meu assassino não é aquelle que julgaes: elle é meu inimigo implacavel, é exacto, mas não « foi elle quem ensopou suas mãos « em meu sangue, e posto que o « deito, por minha vez, julgo-o inteiramente incapaz de um acto « criminoso. Quem me feriu foi Fabio, e que eu considerava um dos « meus melhores amigos. Elle apaixonadamente minha mu-

« lher, e como eu era um obstaculo « aos seus maus designios, sacrificou-me, na esperanza do que ficando ella viuva, casar se-bia com « elle — o que não acontecerá, pois « sei que minha mulher só tem a « versão por elle ».

« Quando eu passava só com elle « no pequeno bosque que existia « perto da minha Quinta, feriu-me, « traiçoeiramente; e, com o mesmo ferro com que feriu-me, fez « perto do terceiro carvalho de tal « aléa (elle designou a aléa), uma « cova profunda onde enterrou o « meu cadaver que elle cobriu com « terra e relva, mas deixou ali uma « das suas agulhetas que ha de ser « encontrada... ».

Depois de haver assim fallado, a victima e amigo do Fabio, desapareceu, e o magistrado despertou. Levantou se logo ao despontar o dia, com o espirito impressionado; entretanto, como elle tinha um pouco de scepticismo, hesitou em tomar a serio o seu sonho.

Reflectio por muito tempo, e depois de haver posado as razões pró e contra, tomou afinal, o partido de aproveitar a occasião para assegurar-se do que poderia haver de verdadeiro nesses sonhos á que o vulgo dá tão grande importancia.

Dirigiu-se secretamente com seus agentes ao lugar indicado em seu sonho, desenterrou o cadaver de perto do terceiro carvalho, encontrou a agulheta e voltou para a cidade com os restos da victima, que receberam uma sepultura conveniente.

Fabio, o verdadeiro criminoso, denunciado pela agulheta e desconcertado ao saber que seu crime estava publico, não demorou-se em confessar a verdade.

Condenado a perder a cabeça, foi executado, e aquelle que era tido como criminoso foi posto em liberdade com applausos do povo que, a principio julgando culpado, teria o deixado em pedaços, si elle não tivesse sido recolhido á prisão e protegido por aquelles que estavam encarregados de guardal-o...

Eis ali dous sonhos bem circumstanciados e bem surprehenderes, que dão um novo e formal desmentido ao velho proverbio dos scepticos:

— Todo o sonho é mentira.

HORACE PELLETTIER

Conselheiro e official da Academia ».

Typ. de Emilio Calhaz.